

Sexualidade e Relação de Gênero

2

Denise Pereira
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 2)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-049-0

DOI 10.22533/at.ed.490191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	8
SEXUALIDADES E GÊNEROS NA ESCOLA: DE QUAIS SENTIDOS SE APROPRIA A PRÁTICA PEDAGÓGICA?	
Denise da Silva Braga	
DOI 10.22533/at.ed.4901916011	
CAPÍTULO 2	18
TORPEDO: UM MODELO DE RESISTÊNCIA LÉSBICA NA ESCOLA	
Maria da Conceição Carvalho Dantas	
Denise Bastos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.4901916012	
CAPÍTULO 3	27
PERCEPÇÕES DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOFRIDA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO	
Michelle Araújo Moreira	
Thaís Borges Gally	
DOI 10.22533/at.ed.4901916013	
CAPÍTULO 4	43
INCURSÕES E INTERDITOS SOBRE AS SEXUALIDADES, IDENTIDADES E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA	
Karine Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4901916014	
CAPÍTULO 5	58
HOMOPARENTALIDADE: O QUE A ESCOLA TEM DITO?	
André Luiz dos Santos Barbosa	
Rejane Cristina Lages Rocha.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916015	
CAPÍTULO 6	73
CULTURA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: SITUANDO AS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4901916016	
CAPÍTULO 7	89
ASSESSORIA TERRITORIAL DE GÊNERO: ENCONTROS TERRITORIAIS E ESTADUAL DE MULHERES RURAIS DOS COLEGIADOS DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Xenusa Pereira Nunes	
Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4901916017	
CAPÍTULO 8	99
A ESCOLA COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: OBSERVANDO FRONTEIRAS ENTRE GÊNEROS, IDENTIDADES E ALTERIDADES.	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	

CAPÍTULO 9	107
A SOLIDÃO DOS/AS DOCENTES HOMOSSEXUAIS: NARRATIVA E REFLEXÃO SOBRE O/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL	
Isabella Marques de Oliveira; Denise Maria Botelho; Agilcélia Carvalho dos Santos.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916019	
CAPÍTULO 10	116
A SEXUALIDADE MASCULINA SOB A ÓTICA DAS ESCRITAS LATRINÁRIAS.	
José Edson da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.49019160110	
CAPÍTULO 11	125
CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO: RELAÇÕES COM AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS	
Daniele Machado Pereira Rocha Maria Thereza Ávila Dantas Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.49019160111	
CAPÍTULO 12	133
IDENTIDADE E IMAGENS DA MARCA RIO: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO “GAY FRIENDLY” NA IDENTIDADE DA MARCA RIO E SUA CONCRETIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS MUNICIPAIS.	
Patrícia Cerqueira Reis	
DOI 10.22533/at.ed.49019160112	
CAPÍTULO 13	142
O MODO DE VIDA GAY COMO ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA	
José Nilton Conserva de Arruda Marianne Sousa Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.49019160113	
CAPÍTULO 14	155
TRAJETÓRIAS DE GAYS NEGROS NA ESCOLA DA ZONA RURAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS	
Marcos Andrade Alves dos Santos José Kasio Barbosa da Silva Renata Queiroz Maranhão Antônio Jefferson Teixeira Sousa Juliana Brito Cavalcante Assencio Daniele Gruska Benevides Prata	
DOI 10.22533/at.ed.49019160114	
CAPÍTULO 15	169
UM ESPELHO CONTRA ESPELHO: A DISPOSIÇÃO INATA DA NATURA	
Jobson Rios dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160115	

CAPÍTULO 16	177
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES MASTECTOMIZADAS SOBRE SEXUALIDADE	
Michelle Araújo Moreira Ana Beatriz Santana de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.49019160116	
CAPÍTULO 17	189
PERCEPÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA PARA OS JOVENS: REVISÃO SISTEMÁTICA	
Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa Ellen Borges Tenorio Galdino Kedma Augusto Martiniano Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160117	
CAPÍTULO 18	203
LIDERANÇAS FEMININAS RURAIS: CONHECIMENTO E ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira Xenusa Pereira Nunes Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160118	
CAPÍTULO 19	212
MULHERES CINEASTAS, FEMINISMO NEGRO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: EXPERIÊNCIAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Lucas Leal	
DOI 10.22533/at.ed.49019160119	
CAPÍTULO 20	230
“VESTIDO NUEVO” – REFLETINDO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO A PARTIR DE UM CURTA METRAGEM	
Sílvia Rita Magalhães de Olinda Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes	
DOI 10.22533/at.ed.49019160120	
CAPÍTULO 21	240
ESCANTEIO: MULHERES QUE TROCAM O ROSA CULTURAL PELO PRETO DA TRADIÇÃO - O CAMPO DA ARBITRAGEM EM FUTEBOL	
Ineildes Calheiro Eduardo David Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160121	
CAPÍTULO 22	256
ESTRUTURA DA REPRESENTAÇÃO DA(S) TRANSEXUALIDADE(S) POR MULHERES (TRANSEXUAIS)	
Carle Porcino Jeane Freitas de Oliveira Maria Thereza Ávila Dantas Coelho Dejeane de Oliveira Silva Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.49019160122	

CAPÍTULO 23	266
UMA APRECIÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CONSUMO METROSSEXUAL EM SETORES DA ECONOMIA CRIATIVA	
Daniel Kamlot	
DOI 10.22533/at.ed.49019160123	
CAPÍTULO 24	277
FAZER-SE RAINHA MIRIM NUMA FESTA DE CAMINHONEIROS: SOBRE (DES)PRATICAR NORMAS DE GÊNERO NUM CONCURSO DE BELEZA	
Marcos Ribeiro de Melo	
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160124	
CAPÍTULO 25	289
GÊNERO E SEXUALIDADES: INVESTIGANDO A CONCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS)	
Rayane Ribas Martuchi	
Ticiane Paiva de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160125	
CAPÍTULO 26	302
REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE GÊNERO NA PSICOLOGIA: UM CAMINHO A SE PERCORRER NA GRADUAÇÃO?	
Lara Araújo Roseira Cannone	
Raissa Lé Vilasboas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.49019160126	
SOBRE A ORGANIZADORA	310

GÊNERO E SEXUALIDADES: INVESTIGANDO A CONCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS)

Rayane Ribas Martuchi

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE
SÃO PAULO – UNISAL *campus* Liceu, Curso de
Psicologia.
Campinas – SP

Ticiane Paiva de Vasconcelos

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE
SÃO PAULO – UNISAL *campus* Liceu, Curso de
Psicologia.
Campinas – SP

RESUMO: Este trabalho teve por objetivo investigar concepções de psicólogas(os) sobre gênero e sexualidades. Participaram quatro psicólogas(os) residentes em Campinas/SP, realizou-se entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados e o método de Análise de Conteúdo para categorização dos resultados. Os resultados sobre gênero apontam: identificação em relação a si mesmo e reconhecimento dos outros; difícil definição; expectativas familiares e sociais; relações de poder; conflito e confluência de aspectos biológicos e culturais. Quanto à sexualidade, os discursos indicam como o exercício do desejo sexual e afetivo; forma de se relacionar consigo mesmo e com o mundo; acréscimo de imposições sociais e familiares e postura essencialista, observado

em dados trechos ao apontarem a sexualidade como construto ora fluido, ora norteado. As entrevistadas(os) relacionam gênero e sexualidade, sendo recorrente a confusão entre as esferas do desejo e da identidade. Apesar do posicionamento de aceitação e acolhimento, demonstraram perspectiva heteronormativa quanto à sexualidade; enquanto gênero, suscitou reflexão apenas pela inversão à norma. Evidencia-se, então, o compromisso com a formação em Psicologia, pautada na construção de perspectivas críticas e sócio-históricas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Sexualidade. Formação do Psicólogo. Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT: This work aimed to investigate the conceptions of psychologists about gender and sexualities. Participants were four psychologists who reside in Campinas, SP, semi-structured interviews were conducted for data collection and the Content Analysis method for categorizing the results. The results on gender indicate: identification with oneself and recognition of others; difficult definition; family and social expectations; Power relations; conflict and confluence of biological and cultural aspects. As for sexuality, the discourses indicate how the exercise of sexual and affective desire; means of relating to oneself and to the world; an increase in social and family impositions, and

an essentialist stance, observed in some excerpts of sexuality as a construct often fluid, often oriented. Interviewees relate gender and sexuality, with recurring confusion between the spheres of desire and identity. Despite the position of acceptance and welcoming, they demonstrated a heteronormative perspective regarding sexuality; while gender, has sparked reflection only regarding reversion of the norm. It is evident, then, the commitment to the formation in Psychology, based on the construction of critical and socio-historical perspectives.

KEYWORDS: Gender. Sexuality. Psychologist Training. Qualitative Research.

1 | INTRODUÇÃO

O conceito de identidade como um fato social e não natural é discutido por Ciampa (1984), sendo constituído em relação singular e coletiva, e composto por inúmeros aspectos que se unem, em uma totalidade contraditória e múltipla, passíveis de reformulações, ajustes e mudanças.

Acerca disso, o termo “gênero”, introduzido na década de 60, proporcionou reflexões sobre diferenças entre masculino e feminino, abstendo o determinismo biológico do termo “sexo” ou “diferença sexual”. Tal termo “gênero” assumiu sua base relacional, destacando as dinâmicas das relações sociais, analisando contextos históricos, e se opondo à concepção de características biológicas como definidoras de identidade sexual, por si mesmas (PISCITELLI, 2009).

Nesse contexto, a Psicologia vem sendo convocada a refletir sobre as questões de gênero, conforme orientação do Conselho Federal de Psicologia (CFP), para superação de visões, discursos e práticas. A proposta é que esse exercício se dê por meio de ações de comunicação, debates democráticos e discussão do papel da Psicologia nesta temática, segundo o Jornal do Federal (2015).

Com isso, este trabalho pretende oferecer uma reflexão crítica sobre o discurso e prática das(os) profissionais de psicologia no que tange à abordagem das temáticas de gênero e sexualidades, reconhecendo-as como agentes que impactam e são impactados nas inter-relações de poder, cabendo à Psicologia a revisão constante de suas práxis (JERÔNIMO & COUTO, 2014).

Portanto, para a realização desta pesquisa tomou-se por objetivos centrais a investigação da concepção de psicólogas(os) em relação ao tema identidade de gênero e sexualidades, bem como a compreensão de como as temáticas são empregadas na prática profissional.

2 | MÉTODO

Para composição do *corpus*, foram entrevistadas(os) quatro profissionais de psicologia, duas mulheres e dois homens, que atuam em Campinas – SP e região em diferentes áreas, como clínica, saúde pública e mental, docência e acadêmica, com

perspectivas teóricas variadas e formação na área há quarenta e cinco, seis, cinco e um ano. Tais profissionais foram contatadas(os) por meio de e-mail e telefone, mediante indicação de professoras da instituição e divulgação em mídias sociais. Todas(os) concordaram em participar voluntariamente do presente estudo, como apontado no quadro abaixo:

Participante	Idade		Área de atuação	Tempo de formação
	Aproximada			
Marta	67 anos		Clínica/docência	45 anos
Joana	29 anos		Acadêmica/clínica	6 anos
Daniel	28 anos		Saúde mental	5 anos
Alexandre	36 anos		Clínica/saúde pública	1 ano

Quadro 1

Descrição das(os) participantes

Fonte: elaboração própria das autoras.

Para tanto, utilizou-se a entrevista semiestruturada, a partir de um roteiro elaborado com núcleos temáticos que serviram como norteadores: concepções sobre gênero e sexualidade; atuação com demandas nos referidos temas e suas relações.

Ao iniciar o diálogo com essas(es) profissionais, apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e reforçou-se verbalmente sobre os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos. Os nomes adotados neste trabalho são fictícios, a fim de resguardar qualquer forma de identificação. As entrevistas duraram, em média, 60 minutos, e foram realizadas em locais variados de acordo com a disponibilidade da(o) participante, como clínicas psicoterapêuticas, residência do próprio entrevistado e locais informais.

O material coletado foi transcrito na íntegra e compreendido por meio de Análise de Conteúdo (AC). A AC concebe técnicas de pesquisa que permitem, sistematicamente, o relato de mensagens e atitudes envolvidas no contexto da enunciação. Este método está relacionado à necessidade de enriquecimento da leitura por meio da compreensão de significados e de desvelar as relações estabelecidas além das falas, qualificando vivências do indivíduo e suas percepções sobre tais fenômenos e objetos (BARDIN, 1977 apud CAVALCANTE, CALIXTO & PINHEIRO, 2014).

A metodologia de AC envolve, basicamente, três etapas: a) pré-análise, caracterizada pelo contato profundo com a transcrição da entrevista e a formulação de possíveis conjecturas; b) exploração do material, em que se faz um recorte de expressões e palavras relevantes sobre o tema tratado e as hipóteses formuladas na pré-análise; e c) pós-exploração, em que são feitos agrupamentos dos elementos destacados nas fases anteriores e síntese, incorporando perspectivas teóricas ao estudo (MINAYO, 2014).

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados foi feita sob discussão em torno do que as(os) participantes entendem por gênero e sexualidade, bem como suas práticas nas diversas atuações profissionais. A seguir, apresentam-se as categorias de respostas (unidades de sentido) relacionadas às questões norteadoras contempladas nas entrevistas.

3.1 GÊNERO

Este tema pretende condensar os elementos encontrados na fala das(os) participantes que retratem suas concepções sobre gênero. Observou-se as seguintes categorias: identificação em relação a si mesmo e reconhecimento dos outros, ligada às esferas da feminilidade e masculinidade; complexidade; expectativas familiares e sociais; relações de poder; conflito e confluência de aspectos biológicos e culturais.

Categoria de respostas
Difícil definição
Relação de poder
Perceber-se no mundo

Quadro 2

Distribuição de categorias de respostas relacionadas à gênero

Fonte: elaboração própria das autoras.

3.1.1 Difícil definição

A reflexão aqui proposta será iniciada com a apresentação e análise das falas das(os) psicólogas(os) entrevistadas(os). Quando tão logo indagadas(os) sobre “o que é gênero?”, as seguintes respostas foram obtidas:

Essa é mais complexa, é... (*respiração profunda*), gênero é... difícil... (Joana).

Isso é difícil hein? (*risos*) isso é difícil... você diz de gênero assim, transexual? Essas coisas? (Daniel).

Silêncio de 4s gênero...? bem... (Alexandre).

Assim... Explica um pouco melhor essa identidade de gênero... [...] alguém se identificar como homem ou mulher? (Marta).

Os excertos apresentados acima marcam as dificuldades das(os) participantes em discorrer sobre o tema.

3.1.2 Relação de poder

Com um discurso explicitamente marcado pelo movimento social, Joana, como feminista, demonstra entender algumas questões relacionadas à discussão sobre gênero. A esse respeito, a psicóloga diz que está

[...] incluso também uma questão de poder, entre classes que são dominantes, por exemplo a dos homens e das mulheres, então, as questões de gênero que são esperadas das mulheres são questões que levam pra uma submissão, [...] por exemplo relacionamentos abusivos heterossexuais.

Isso aproxima-se do postulado de Beauvoir, conforme citado por Piscitelli (2009), ao tratar gênero como construção social vinculado à dominação masculina. Quanto a noção de gênero, Joana menciona que

é [...] um conjunto de.. é... de papéis que são esperados das pessoas, é... por terem nascido com sexo A ou sexo B... ou C, ele tem um aspecto de imposições em sua maioria ou expectativas que as pessoas tem sobre os outros, de como eles devem agir por serem homens entre aspas, mulheres, entre aspas (Joana).

Nas respostas das(os) participantes não foram mencionadas questões étnico/raciais, relativas à classe social ou idade, bem como o poder empreendido por instituições como igreja, governo, práticas educacionais ou justiça. A supressão desses aspectos denota necessidade de compreensão dos temas gênero e sexualidades interseccionados com outras especificidades — idade, classe social, etnia/raça — para melhor percepção das intrincadas relações de gênero quando consideradas tais particularidades.

Quanto a isso, Louro (1997) faz alguns apontamentos, e destaca os fatores que compõem as relações de gênero e nas relações de gênero, uma vez que esta concepção de identidades que não são fixas, mas sim plurais e múltiplas — e podem, até mesmo, ser contraditórias — estão presentes nas formulações dos Estudos Feministas e Culturais. Assim, ao afirmar que o gênero contempla a identidade do sujeito, inclui-se etnia, classe e outros, pois tem-se a pretensão de transcender o mero desempenho de papéis.

Desta forma, as instituições (justiça, igreja, práticas educativas, governo e outras) e práticas sociais são constituídas pelo gênero e constituintes dos gêneros, são “generificadas”. Isto é, produzem ou “engendram-se” a partir, e não somente, das relações de gênero.

3.1.3 Perceber-se no mundo

Esta categoria condensa a perspectiva das(os) participantes que concebem gênero como um modo de ser no mundo. Para tanto, foram selecionados excertos das entrevistas que ilustram as percepções de cada psicóloga(o) acerca do assunto.

Para Alexandre, isso diz respeito à “percepção de si mesmo, como eu me sinto, como eu me percebo... minha autoimagem, [...] como ela (a pessoa) se olha no espelho,

como ela se vê... tanto o espelho físico como o subjetivo”. Já a psicóloga Marta opina que se trata de “um autoconceito, que seria assim: como é que eu me vejo? [...] um processo inconsciente, que vem através das identificações, dos modelos, de onde a pessoa vai se inserindo na sociedade.” Em sua fala, Daniel afirma que gênero se refere a como a pessoa se identifica, pois “o gênero dos transexuais [...] é uma mulher que tem uma genitália masculina, mas se identifica como uma mulher... é uma identificação dela no mundo.”

Partindo dessas informações, pode-se pensar em uma correlação com as novas concepções de gênero, referenciadas por Butler (2015). Nelas, discute-se as categorias de sexo e gênero como indiferentes entre si, afinal, a categoria sexo sempre foi lida com os atributos culturais de gênero. Deste modo, sexo e gênero ocupam o mesmo *locus*, pois, até mesmo o sexo não advém de atributos essencialistas.

Assim como mencionado pelo psicólogo Alexandre, a “pluralidade de gêneros ela já tem seu lugar simbólico e que ninguém consegue tirar da existência de todos, mesmo antes de existirmos isso já existe na existência.” Em vista disso, a partir desta passagem é possível traçar um paralelo com a teoria butleriana de que gênero é discursivamente posto e repostado pela repetição à norma. Com isso, não há norma que precede os sujeitos engendrados, e sim os próprios sujeitos que produzem e se inserem nas normas de gênero por meio da performatividade. Portanto, é no cerne das regras que regulam as identidades inteligíveis que está a heteronormatividade, essa que opera a partir da repetição.

Para Louro (1997), a ideia de multiplicidade e fluidez das identidades, presentes nos relatos que compuseram este estudo, advém do movimento feminista. Desse modo, as contribuições de tal movimento social são essenciais para as formulações e discussões aqui apresentadas. A esse respeito, Alexandre desfruta do movimento feminista e se posiciona, dizendo que é preciso “rever as minhas visões sobre sexualidade humana, é como traz uma brisa fresca pra ideia que já estão muito antigas e muito quentes ali (*risos*)... me abre bastante a visão pra essas coisas.”

3.2 SEXUALIDADE

As(os) participantes, de modo geral, concebem sexualidades no sentido bi ou homoafetivo, como se a heterossexualidade não fosse uma face da sexualidade humana. Ou, até, denotando postura pautada na norma heterossexual, isto é, a heterossexualidade é admitida como padrão, logo, desnecessária de ser destacada.

Categoria de respostas
Diversidade de fatores
Paradoxo

Quadro 3

Distribuição de categorias de respostas relacionadas à sexualidade

Fonte: elaboração própria das autoras.

3.2.1 *Diversidade de fatores*

As concepções sobre sexualidades variam, inclusive, entre algumas combinações, como biologia e cultura; processos e experiências únicas; construção ao longo da vida que depende de como “a pessoa da maneira que ela se insere no mundo” — segundo Daniel —; influências de diversos fatores como “condições biológicas [...] da sociedade, da família, os pais, [...] toda essa condição cultural e material” — segundo Alexandre. Ou seja, conforme o exposto por Joana, a “sexualidade é fluída, né, assim, ela muda, ela tem um norte mas ela muda, ela varia”.

Na fala de Alexandre, é possível notar que transparece a concepção de sexualidades como uma constituição dialética, pois “é um quebra cabeça, uma estrutura, mas é uma estrutura que eu vejo que tem ligações e suas peças são fortes e elas não deixam de existir [...] mas também ao mesmo tempo não é aquela coisa de ser tão [...] fixa.”

A esse respeito, Butler (2015) revela que dentro da inteligibilidade das identidades se faz presente a alienação do desejo, sempre orientado para a heterossexualidade. A autora denomina esse fator de “heteronormatividade compulsória”, ou seja, que opera dentro da repetição: o ato de nomear o sexo é ao mesmo tempo a repetição de uma norma e a limitação de uma fronteira. Trata-se, portanto, de um ato performativo de dominação e coerção para a construção de um autoconceito de corporeidade específico, concebendo o gênero como algo inconstante e temporal que, por meio de uma repetição, é incorporado por gestos, linguagens e estilos.

Contudo, se para Butler (2015) o gênero é inconstante e performativo, e não uma identidade pré-existente — uma vez que é necessária essa repetição para a manutenção desse autoconceito —, cabe a reflexão de que o ideal de gênero nunca é completo. Isso se dá uma vez que os corpos nunca obedecem totalmente às regras pelas quais sua materialização é fabricada, e, assim, a lei reguladora das subjetividades pode ser reaproveitada como dispositivo subversivo e de resistência para a desconstrução e desnaturalização das noções de feminino e masculino.

Partindo desse pressuposto, pode-se vislumbrar a ideia da heteronormatividade nos excertos da maioria das(os) participantes. Para Alexandre, o exercício da sexualidade da pessoa é implicado desde antes do seu nascimento. O profissional reconhece que há no desejo dos pais certo balizamento da sexualidade da criança,

muitas vezes evocando a heterossexualidade como a única possibilidade de orientação, mas estas expectativas familiares não são definidoras da sexualidade, pois ainda há algo intrínseco do sujeito que, de fato, orienta seu desejo. Nas palavras do próprio psicólogo:

quando a criança chega ao mundo, ela já não chega isenta, porque, eu acho que ela já foi formada há muito pelo psiquismo dos pais...[...] então a criança já nasce com seu psiquismo e ainda com toda essa carga de desejo dos pais, e nessa carga de desejos eu não vejo as outras opções... pra outras formas de viver afeto e buscar o prazer... então já tem uma primeira limitação significativa aí.

Ao contrário de algumas teorias feministas, Butler (2015) discute o gênero como fenômeno inconstante e contextual que não precede substância ou essência, mas sim uma intrincada convergência de relações culturais e históricas. Assim, a autora não nega a noção de sujeito, mas propõe o gênero como efeito, assumindo que a identidade é uma expressão e não um sentido em si do sujeito. Desta elucubração se origina a noção de **performatividade**: não existe uma identidade de gênero subjacente às expressões de gênero, pois a identidade, em si mesma, é a performatividade constituída.

Ainda nessa linha, Butler (2015) estende o pensamento de Foucault para as regulações de gênero como modalidade específica, que tem efeitos constitutivos sobre a subjetividade. A identidade inteligível é parcialmente estruturada sob uma matriz que hierarquiza, ao mesmo tempo, masculino e feminino e a heterossexualidade compulsória, uma vez que se está diante de uma sociedade regida por uma coerência entre sexo/gênero/desejo em que a norma se faz heterossexual.

3.2.2 Paradoxo

Do mesmo modo que o discurso de Marta remete a um paradoxo, essa demonstra compreender a sexualidade como uma polaridade em que predomina a atração por um único gênero, configurando a homossexualidade e heterossexualidade. Para a psicóloga, “o mais determinante são essas primeiras experiências afetivas, né? Os primeiros amores, os primeiros modelos, as primeiras identificações... [...] ao longo da vida também, [...] porque as experiências continuam né?”. Ainda nas palavras da profissional:

a minha tendência é pensar que esse, essa preferência, essa inclinação pro mesmo sexo tava reprimida, porque não me parece, porque depois realmente as pessoas se assumiram como homossexuais [...] *(sobre um caso clínico em que a cliente que engravidou e casou-se com uma mulher)* então eu acho que o mais forte nela era a homossexualidade.

3.3 COMO AS(OS) PSICÓLOGAS(OS) LIDAM COM AS TEMÁTICAS NA PRÁTICA

Este tópico busca compreender como as temáticas gênero e sexualidades são empregadas na prática profissional das(os) participantes. Neste tema, identificou-se

as categorias de: postura de aceitação; preocupação com a constituição do sujeito e incentivo a autoaceitação.

Categoria de respostas
Postura de aceitação
Preocupação com a constituição do sujeito
Incentivo a autoaceitação

Fonte: elaboração própria das autoras.

Quadro 4

Distribuição de categorias de respostas relacionadas a como as(os) psicólogas(os) entrevistadas(os) lidam com as temáticas na prática

3.3.1 Postura de aceitação

Em geral, as(os) participantes desta pesquisa denotaram estabelecimento de uma postura de aceitação, bem como abstinência de preconceitos e julgamentos. Nota-se, também, o comprometimento com os sentimentos, emoções e conflitos de seus clientes, preocupação com o crescimento e bem-estar.

Para exemplificar, Alexandre diz que procura criar dentro do “setting terapêutico de uma consideração positiva incondicional”, e ainda completa:

de uma aceitação de tudo o que o outro apresenta, de.. não colocar meus julgamentos e meus juízos de valor né.. e simplesmente permitir que esse espaço seja um espaço que a pessoa se apresente como ela quer, que ela venha como ela me vier.

Nesta direção, esta preocupação também se mostra evidente na fala de Daniel, que incentiva deliberadamente as pessoas que o procuram a aceitarem quem são “sem medo de julgamentos, sem preconceito, ele estar bem consigo mesmo.”

3.3.2 Preocupação com a constituição do sujeito

Esta categoria evidencia a preocupação das(os) participantes com o modo com que o sujeito é constituído. Quanto a isso, Daniel aponta que seu trabalho se inclina a

trabalhar o que significa essa demanda para esse paciente, da onde que ela surgiu, tem que olhar quem é essa pessoa, da onde ela veio, como que ela se constituiu no mundo, o que ela pensa a respeito de si mesma.

3.3.3 Incentivo à autoaceitação

A psicóloga Marta, por sua vez, diz sobre a importância de fazer emergir as introjeções que os próprios clientes internalizaram e a autoaceitação como possibilidade para mudança, compreendendo a autoaceitação como estratégia para enfretamento do preconceito: “aí é todo um trabalho, que você vai fazendo com a pessoa de desenvolver

mais a autoconfiança, o autoapoio, a autoaceitação, principalmente, quanto mais a pessoa se aceita, menos ela vai depender da aceitação dos outros, né?”

Nesta direção, esse cuidado também se mostra notório na mesma fala de Daniel citada anteriormente, em que destaca a importância de “incentivar ele a ser aquilo que ele é, sabe, sem medo de julgamentos, sem preconceito, ele estar bem consigo mesmo.”

3.4 RELAÇÃO GÊNERO *VERSUS* SEXUALIDADE

Este tema pretende condensar as respostas das(os) participantes no que se refere à relação existente ou não entre gênero e sexualidade e suas implicações. As(os) participantes vislumbram a relação entre gênero e sexualidade, sendo recorrente a confusão entre as esferas do desejo — no campo do direcionamento da afetividade para com o outro —, e identidade — ligado às esferas de masculino e feminino.

Categoria de respostas
Distinção entre gênero e sexualidade

Quadro 5

Distribuição de categorias de respostas com relação à gênero *versus* sexualidade

Fonte: elaboração própria das autoras.

3.4.1 Distinção entre gênero e sexualidade

A psicóloga Joana afirma que gênero e sexualidade se relacionam. Em sua concepção, nota-se que orientação sexual, em suas diversas nuances, se articula de maneiras distintas com gênero, como em relacionamentos abusivos, por exemplo. A psicóloga indica compreensão nítida ao diferenciar sexualidade e gênero, devido a uma referenciar ao desejo e a outra à identificação social. Segundo Joana,

quando você nasce homem (*participante faz sinal de aspas com as mãos*) você, é esperado que você seja heterossexual, é... quando você nasce mulher (*participante faz sinal de aspas com as mãos*) é esperado que você seja heterossexual, então desde o começo já tem uma ligação ai, né.. as pessoas esperam que você siga tal caminho ou outro, enfim, desde pequeno.

Já Alexandre compreende que a percepção de si é marcada pela afetividade, e a partir dela a sexualidade é exercida. Faz distinção também das práticas sexuais e das construções culturais decorrentes da identificação de gênero, evidenciando distinção entre gênero e sexualidade. Para o psicólogo,

estar com o outro vai ser baseado nessa minha percepção, então a minha sexualidade vai estar assim. [...] muito marcadamente, afetivamente e sexualmente. E acho que não existe tanta classificação de gênero para as possibilidades humanas que possam haver.

Na compreensão de Daniel, a disparidade entre gênero e sexualidades parece

contraditória ao utilizar o exemplo de Thammy Miranda (filho da cantora Gretchen), celebridade que recentemente transicionou para a identidade masculina por meio de cirurgias e adequações estéticas. Em sua fala, revela, ao mesmo tempo, compreensão da mudança empreendida pelo artista e confusão quanto a denominação que deve ser usada. Apesar de sua compreensão teórica a despeito destes dois construtos, ainda utiliza pronomes e vocativos no feminino, contrapondo a própria identificação do Thammy:

por exemplo, é... se for ver o caso da filha da Gretchen, a Thammy Gretchen, se você pegar anatomicamente falando ela é uma mulher, mas e o gênero dela? Ela se identifica como homem... então... é mais fácil você enxergar ela do gênero que masculino que é como ela se porta no mundo, como que ela se identifica no mundo, como que ela gosta dela no mundo, do que pensar ela como do gênero feminino.

A esse respeito, Louro (1997) evidencia que, mesmo intrinsecamente relacionados, gênero e sexualidade são distintos entre si, e esta distinção se faz importante ao analisar os diferentes arranjos que podem configurar quando há justaposição destas duas categorias. Ou seja, conforme mencionado pela própria amostra deste estudo, no fenômeno da transexualidade está presente a questão da identificação e percepção de si enquanto pertencente a um ou outro gênero, que faz elo com o direcionamento do seu desejo afetivo e sexual. Assim, é possível um grande espectro de combinações destas duas nuances, basta pensar em mulheres transexuais (pessoas com conformação genital masculina que se identificam com o gênero feminino) que, mesmo construindo seus corpos e identidades sob os signos da feminilidade, têm seu desejo orientado para o gênero feminino, remontando, então, uma mulher transexual lésbica.

Deste mesmo modo, tem-se mulheres transexuais heterossexuais ou, ainda, bissexuais, afinal, o objeto para o qual o desejo é direcionado caracteriza a sexualidade, ou seja, é a expressão da atração afetivo sexual. Outra faceta é o modo como se portar no mundo a partir dos signos culturais ditos femininos ou masculinos, decorrente de uma conformação genital ou não (SARAIVA, 2014; RODRIGUES, CARNEIRO & NOGUEIRA, 2014).

Ao se debruçar sobre o pós-estruturalismo, parece ser possível compreender os gêneros para além de masculino e feminino, esses como polos dicotômicos em posição de distinção e oposição — conforme pontuado por Scott, segundo Louro (1997). Desta forma, alguns participantes contribuíram para esta análise uma vez que demonstraram a percepção de que uma pessoa pode não internalizar por completo todos os signos de feminilidade, assim como pode não se apropriar dos signos de masculinidade.

Portanto, os sujeitos estão sempre atravessados por elementos que culturalmente são adotados como femininos ou masculinos, mas que não contêm estes essencialismos em si mesmos. No entanto, os atributos femininos ou masculinos são dados pelos

próprios sujeitos que assim os interpretam, não pelas coisas em si, e é nesse sentido que as contribuições pós-estruturalistas sustentam a desconstrução das lógicas contidas no interior das normas de gênero, lançando luz para novas interpretações, combinações e ressignificações sobre masculinidades e feminilidades.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados e discussões apresentados, pode-se apreender que entre as(os) entrevistados há concepções bastantes variadas. Nota-se, também, certas dificuldades em discorrer sobre gênero e sexualidade, sendo estes assuntos não pautados para reflexão crítica recorrente.

Assim, para estas(es) psicólogas(os), gênero refere-se apenas e tão somente às inversões à norma, a exemplo de transexuais e travestis que reivindicam o pertencimento ao gênero oposto ao esperado. Aproximando-se ao gênero, quando observado que as respostas das(os) participantes são sempre ligadas às sexualidades que se diferem da heterossexualidade, denota-se, então, que a heterossexualidade é concebida de forma corriqueira, sendo somente considerada a bissexualidade ou homossexualidade.

Portanto, assim como gênero, a sexualidade é vista de maneira segmentada. Isso implica na alusão de gênero e sexualidade de forma descolada das pessoas que seguem a norma social: cisgêneras (genital e identidade de gênero em consonância) e heterossexuais, ideia subjacente da heteronormatividade presente nesses discursos — conceito difundido por Butler (2015) como matriz do desejo orientado à heterossexualidade de forma normativa e compulsória. Desse modo, somente diante de pessoas dissidentes das normas de gênero ou pessoas não heterossexuais é que as questões de gênero e sexualidade se fazem presentes e significativas de reflexão.

À vista disso, ao considerar que as temáticas de gênero e sexualidades estão postas de forma relacional, vislumbra-se a necessidade de abordagem transversal de modo integrativo com os demais campos de saberes, e não como assuntos específicos de determinadas disciplinas e áreas de conhecimento. Logo, a Psicologia enquanto ciência e profissão, cujo substrato de trabalho reside na subjetividade, é convocada à reflexão e crítica acerca dos fenômenos contemporâneos.

Em um contexto marcado pelas desigualdades de gênero, emergência do fenômeno da transexualidade e outras vivências das masculinidades e feminilidades, assim como expressões dos desejos afetivos e sexuais, torna-se imprescindível o compromisso com a formação da(o) psicóloga(o) para a construção de posicionamentos críticos, reflexivos e orientados sócio-historicamente. Por isso, o intuito do presente trabalho é de subsidiar discursos e saberes que versem a favor da legitimidade de diversas matizes de “homenzidades e mulheridades” possíveis (RODOVALHO, 2017).

Portanto, este estudo lança o desafio de novos estudos que explorem as

práticas das(os) profissionais de psicologia que já atuem diretamente com demandas relacionadas à gênero e sexualidades, para que estes saberes sejam socializados, repensados e aprimorados.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015. 8ª ed. 287 p.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. **Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método**. Informação & Sociedade: Estudos, v. 24, n. 1, p. 13-18, 2014. Disponível em <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/10000>>

CIAMPA, A. C. Identidade. In LANE, S. T. M. **A Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Despatologização trans, por um mundo não binário**. Jornal do Federal. Brasília. Agosto. 2015. Direitos Humanos. p. 16-17. Disponível em <<https://site.cfp.org.br/publicacao/jornal-do-federal-111/>>

JERÔNIMO, A. C.; COUTO, H. C. C. (2014). **Queering: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea**. Cuiabá: EDUFMT, 2013. Resenha do livro Cuiabá: *Queering: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea*, de TEIXEIRA FILHO, F. S.; PERES, W. S.; RONDINI, C. A.; SOUZA, L. L. Rev. NUFEN, Belém, v. 6, n. 1, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000100008&lng=pt&nrm=iso>

LOURO, G. L. Gênero, sexo e sexualidade. In_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 37-56.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. In_____. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 261-297.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berleandis & Vertecchia, 2009. p. 116-149.

RODOVALHO, A. M. (2017). **O cis pelo trans**. Estudos Feministas. v. 2. p. 365-373. Florianópolis. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/48521>>

RODRIGUES, L.; CARNEIRO, N. S.; NOGUEIRA, C. Transexualidades: olhares críticos sobre corpos em crise. In: JESUS, J. G. **Transfeminismo teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014. p. 137-156.

SARAIVA, M. S. Gênero e orientação sexual: uma tipologia para o movimento transfeminista¹. In: JESUS, J. G. **Transfeminismo teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014. p. 43-68.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-049-0



9 788572 470490